

PINTO, Álvaro Vieira. **A questão da universidade**. São Paulo, Cortez, 1986. 102p.

*Esta obra de Álvaro Vieira Pinto é hoje de grande relevância, não só por tratar de modo especial a **questão da função social da universidade**, cujo tema ficou relegado a segundo plano em discussões anteriores, como também por estar a sociedade brasileira vivendo num outro contexto que Saviani denomina **momento pré-democrático**, no prefácio deste livro.*

*A retomada da reflexão deste tema pelo autor permitirá, pela via da recuperação da memória das lutas históricas em torno da universidade, repór de forma rigorosa o problema das relações entre **universidade e sociedade** e, em conseqüência, a responsabilidade e o compromisso sociais com os interesses da **população trabalhadora**.*

*O livro tenta, inicialmente, dar uma visão histórica das condições em que se apresenta o problema da reforma universitária, sobretudo no alvorecer da década de 60, enfatizando os questionamentos da classe estudantil sobre as injustiças e opressões nascidas da atual estrutura social brasileira. Por outro lado, fica evidenciado o renascimento de uma juventude crítica, que procura descobrir as causas e os efeitos desta situação, bem como as possíveis soluções.*

*Para melhor esclarecer este aspecto. Álvaro Pinto descreve detalhadamente o clima de conflitos e tensões sociais existentes entre as classes dominantes e as camadas populares, que se conscientizam e passam a exigir reformas urgentes.*

*Por isso, no seu entender, este clima já era considerado como **pré-revolucionário**, em virtude da existência geral de reformas sociais e, entre estas, a da universidade tradicional.*

*Por que a universidade necessita ser imediatamente reformada? O autor responde que ela "constitui ainda peça essencial da estrutura arcaica, aquela que as forças novas geradas no solo social têm necessidade de transformar, para produzir os seus irremovíveis efeitos"...*

*Álvaro aponta como deve ser a reforma universitária: "trata-se de transformá-la não na superfície, não na superestrutura pedagógica, no cerimonial didático, no enriquecimento de recursos financeiros, no aprimoramento das instalações materiais levadas às vezes a suntuosidade (...), trata-se, porém, de transformá-la na essência, isto é, de fazê-la deixar de ser um centro distribuidor da alienação cultural do país, para convertê-la no mais eficaz instrumento da criação de uma nova consciência".*

*Neste sentido, o autor entende que a reforma da universidade não é tarefa de natureza jurídica, institucionalmente muito menos pedagógica, conforme querem alguns, mas consiste na transformação de órgão socialmente alienado em favor da transformação progressista dessa mesma realidade.*

*Com base nesta tese, o autor esclarece, ainda, que a "reforma da universidade (...) não tem primordialmente finalidade pedagógica, mas visa antes de tudo a sua finalidade política". E que aos estudantes cabe, evidentemente, o principal papel neste processo transformador da universidade. Enquanto que do corpo professoral pouco se espera, por fazer parte de grupo privilegiado, cumulado de favores pelas classes dirigentes da universidade.*

*Assim, a análise de Álvaro Pinto Vieira põe em evidência o papel progressista do movimento estudantil em contraste com o caráter conservador e mesmo reacionário dos docentes, considerados em seu conjunto.*

No aprofundamento deste estudo, o autor procura apresentar uma definição da essência da universidade no Brasil, ou seja, "a universidade é uma peça do dispositivo geral do mínimo pelo qual a classe dominante exerce o controle social, particularmente no terreno ideológico sobre a atualidade do país". Com base nesta definição, Álvaro conclui: "se tal é a essência da universidade, desde logo se vê que o problema de sua reforma é político e não pedagógico".

Desta forma, o escritor mostra com clareza o ponto de partida para a compreensão da reforma universitária. O principal, no seu ponto de vista, não consiste na organização do ensino para os alunos que ingressaram na universidade, mas sim, em saber as causas que permitiram a esses alunos entrar nas escolas e impediram os demais jovens da mesma idade de terem igual oportunidade. Deste modo, "a reforma da universidade não diz respeito, principalmente, aos alunos que estão na universidade, mas aos alunos que não estão, aos que nela não puderam ingressar".

Para entender melhor esta questão, Álvaro aponta dois importantes aspectos que envolvem a universidade: o primeiro se refere à relação da universidade com a classe dominante, ou seja, a postura de uma elite de iluminados, toda uma estrutura de ociosidade, a "mão-sem-obra", os títulos vangloriosos de "doutores" e "catedráticos", bem como a sua subserviência ingênua ao poder dominante, relegando a último plano a massa de estudantes trabalhadores que não puderam ingressar na universidade; o segundo aspecto se refere à universidade e à totalidade do país, com inclusão de todas as classes, pois, no seu relacionamento com a classe dominante, a universidade exerce sobre o resto do país efeito pernicioso, ocultador, pois prepara e distribui os instrumentos ideológicos, que conturbam a consciência nacional e não se dedica ao que seria sua tarefa própria, a de preparar o espírito das novas gerações para o melhor conhecimento do Brasil, dos seus problemas e de como resolvê-los.

Com referência a estes dois aspectos, o autor conclui afirmando que: "numa nação subdesenvolvida como a nossa, enquadrada no complexo do imperialismo, a universidade não contribui para criara autêntica cultura que o país reclama".

O autor se refere, ainda, de forma geral, às diversas classes sociais representadas nas universidades. Assim, a burguesia, classe dominante na sociedade brasileira, é igualmente dominante na universidade. No corpo docente, por exemplo, esse domínio é uma constante. Por isso, torna-se evidente que a classe professoral dominante não deseja que o povo tenha ingresso na universidade, pois segundo Álvaro, "para cobrir com o manto da hipocrisia este inconfessável propósito, não é fácil recorrer à sempre maleável pedagogia e encontrar razões para o criminoso estudanticídio"... Faz parte do projeto dominante afastar a classe trabalhadora da universidade. Por outro lado, o autor considera a existência de um antagonismo entre as classes no âmbito da universidade, pois é comum os choques entre professores e alunos, entre os próprios professores e entre os alunos.

Álvaro Vieira Pinto, em sua exposição, esclarece que não vai se deter nos meandros internos da universidade, mas gostaria de se voltar para os aspectos de caráter social e de execução política, procurando refletir, em primeiro lugar, sobre a concepção teórica do problema da reforma, para daí deduzir as linhas de ação prática. Assim, ele questiona: "para quem" é preciso fazer a reforma da universidade? E "que universidade" se deve instituir? A pergunta "para quem" é de ordem estritamente social, porque procura saber em benefício de que classes e forças sociais deve ser organizada a universidade. Assim sendo, conclui o autor, o problema fundamental se apresenta sob a seguinte alternativa: "deve a universidade continuar a servir aos interesses da atual classe econômica e politicamente dominante; ou deve se organizar em função dos interesses das classes trabalhadoras, ainda não dominantes, mas em inevitável ascensão?".

O autor observa que a exigência da reforma universitária é sentida de modo diferente pela classe dominante e pelas massas populares. Para a primeira, trata-se de organizar o ensino superior de maneira a satisfazer certas necessidades e manter a universidade sob seu controle. Para as massas, compostas especificamente dos estudantes e dos representantes esclarecidos, trata-se de fazer a universidade passar do comando ideológico para as mãos da classe trabalhadora, o que, evidentemente, constitui a via democrática.

Com base nestas reflexões, o escritor indaga em que consiste na essência a reforma universitária que a nova realidade brasileira começa a exigir. Para ele, a resposta seria: "consiste em impedir a reprodução da classe dominante, a qual tem na universidade sua fábrica mais importante, no que se refere aos expoentes intelectuais".

Neste particular, Álvaro Pinto enfatiza a sua proposta de reforma, afirmando: "julgamos chegado o momento de estabelecer o que nos parece ser a proposta principal de todo o trabalho crítico contido neste livro. A reforma universitária tem de consistir na reforma de conteúdos da classe da universidade, a fim de permitir às massas ingressarem no domínio da cultura a serviço dos seus próprios interesses, e não a serviço dos interesses da classe dominante". O autor continua analisando exaustivamente os diversos tipos de questionamentos e mostra que a universidade tem de ser do povo e não das elites, porque ela representa a suprema instância criadora do saber e organizadora do fecundo trabalho popular. No final de seu trabalho, Álvaro enfoca, também, os objetivos da luta estudantil, que devem ser a alteração das relações externas da universidade, desligando-a da vassalagem à classe dirigente e colocando-a a serviço do povo, enquanto massa trabalhadora. Esta é uma reforma qualitativa, porque diz respeito à essência da universidade, esclarece o autor.

Após este enfoque, Álvaro Pinto indica algumas perspectivas ime-

diatas de ação, como aquelas elaboradas pelos próprios estudantes, que na verdade encarnam a realidade social. E, por outro lado, sugere, ainda, algumas medidas práticas de reforma, como por exemplo: o **co-governo** (que consiste na entrega da instituição ao povo); a **supressão da trincheira do vestibular** (substituída pela verificação do mérito do estudante); a **universidade do povo** (no sentido de que a ela pertencem não apenas os "alunos que estudam"); a **luta contra a vitaliciedade** da cátedra e o entrosamento das instituições de ensino superior com outros centros sociais de produção.

O autor conclui o seu trabalho, afirmando: "o objetivo da reforma é identificar a universidade com a sociedade brasileira, no seu esforço de desenvolvimento material e espiritual, criando e semeando a cultura, a fim de que esta, juntamente com a liberdade, venham a tornar-se os bens mais preciosos possuídos por todo o homem do povo".

O livro **A Questão da Universidade**, de Álvaro Vieira Pinto, escrito em linguagem simples e realista, traz no seu bojo uma proposta atual no processo de mudança da universidade brasileira, sobretudo no que se refere ao seu aspecto social e político.

Samuel Aureliano da Silva  
TAE/INEP